

VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

Júlio Verne

A 24 de maio de 1863, um domingo, meu tio, o professor Lidenbrock, voltou precipitadamente para sua casinha no número 19 da Königstrasse, uma das ruas mais antigas do velho bairro de Hamburgo.

A boa Marthe deve ter achado que estava muito atrasada, pois o jantar mal começara a chiar no fogão da cozinha.

"Bem", pensei, "se estiver com fome, meu tio, que é o mais impaciente dos homens, vai dar gritos de aflição".

— O senhor Lidenbrock já chegou! — exclamou Marthe, estupefata, entreabrindo a porta da sala de jantar.

— Já, Marthe; mas o jantar tem o direito de não estar pronto, pois não são nem duas horas. Acabou de dar a meia hora em São Miguel.

— Então por que o senhor Lidenbrock está de volta?

— Logo saberemos por ele mesmo.

— Ei-lo! Vou sumir, senhor Axel; o senhor se encarregue de fazer com que se mostre razoável.

E a boa Marthe desapareceu em seu laboratório culinário.

Fiquei sozinho. Fazer com que o mais irascível dos professores se mostrasse razoável era algo que o meu temperamento um tanto indeciso não permitia. Preparava-me para voltar ao meu quatinho no último andar quando as dobradiças da porta rangeram; a escada de madeira estalou sob os grandes pés, e o dono da casa, depois de atravessar a sala de jantar, precipitou-se imediatamente para seu gabinete de trabalho.

Durante a rápida passagem jogara num canto sua bengala com um quebra-nozes na ponta, seu grande chapéu de pêlos arrepiados na mesa, e as seguintes palavras retumbantes a seu sobrinho:

— Axel, siga-me!

Eu mal tivera tempo de me mexer, e o professor já gritava num tom vivo de impaciência:

— Vamos! Por que ainda não está aqui?

Corri para o gabinete de meu temível mestre.

Tenho de convir que Otto Lidenbrock não era um homem mau; mas, a não ser que ocorressem mudanças improváveis, morreria como um terrível excêntrico.

Era professor no Johannaem, onde dava um curso de mineralogia, durante o qual se enraivecia pelo menos duas vezes.

Não que se preocupasse com a assiduidade ou a atenção dos alunos, nem com o seu sucesso depois de formados; eram detalhes nos quais nem pensava. Ele lecionava "subjetivamente", para empregar uma expressão da filosofia alemã, para si, e não para os outros. Era um cientista egoísta, um poço de ciência cuja roldana guinchava quando alguém tentava extrair algo dele: em suma, um avaro.

Há alguns professores assim na Alemanha.

Infelizmente, meu tio não tinha grande facilidade de expressão, nem na intimidade, quanto mais quando falava em público, o que era um lamentável defeito em um orador. De fato, em suas palestras no Johannaem, muitas vezes o professor parava de falar de repente. Lutava com uma palavra recalcitrante que não queria sair de sua boca, uma dessas palavras que

resistem, incham e acabam saindo sob a forma pouco científica de um palavrão.

Dá grandes acessos de cólera.

Ora, em mineralogia, há muitas denominações semigregas, semilatinas, difíceis de pronunciar, nomes rudes que esfolariam os lábios de um poeta. Não que eu queira falar mal dessa ciência.

Longe de mim. Mas quando estamos diante de cristalizações romboédricas, de resinas retinasfálticas, de guelenitas, de fangasitas, de molibdênio de chumbo, de tungstato de manganésio, de titanato de zircônio, até as línguas mais bem treinadas perdem o prumo.

De qualquer forma, digo e repito, meu tio era um verdadeiro cientista. Apesar de quebrar por vezes suas amostras pela sua brusquidão, reunia a visão do mineralogista ao gênio do geólogo.

Com seu martelo, seu buril de aço, sua agulha imantada, seu maçarico e seu frasquinho de ácido nítrico, era um grande profissional. Pela fratura, pelo aspecto, pela dureza, pela fusibilidade, pelo som, pelo cheiro ou pelo gosto, era capaz de classificar sem hesitação um mineral qualquer entre as seiscentas espécies com que a ciência conta hoje em dia.

O nome Lidenbrock resplandecia com honra nos ginásios e associações nacionais. Quando passaram por Hamburgo, Humphry Davy, de Humboldt e os capitães Franklin e Sabine fizeram questão de encontrar-se com ele. Becquerel, Ebelmen, Brewster, Dumas, Milne-Edwards, Sainte-Claire-Deville gostavam de consultá-lo a respeito das descobertas mais palpitantes da química, que lhe devia umas tantas das descobertas, e em 1853 foi publicado em Leipzig um Tratado de cristalografia transcendente do professor Otto Lidenbrock, grande in-fólio com ilustrações, que infelizmente não cobriu seus custos.

Acrescentarei que meu tio era o conservador do museu mineralógico de Struve, embaixador da Rússia, preciosa coleção, célebre em toda a Europa.

Eis, portanto, o personagem que me interpelava com tanta impaciência. Imaginem um homem alto, magro, saúde de ferro, lourice juvenil, que fazia com que parecesse um quarentão e não o cinqüentão que era. Seus olhos grandes não paravam atrás dos óculos consideráveis. Seu nariz comprido e fino parecia uma lâmina afiada. Os mexeriqueiros até pretendiam que era imantado e atraía limalha de ferro. Pura calúnia: só atraía tabaco, mas em grande abundância, para ninguém dizer que sou mentiroso.

Se eu acrescentar que os passos de meu tio mediam matematicamente meia-toesa e se disser que, ao caminhar, mantinha os punhos solidamente fechados, sinal de um temperamento impetuoso, terei dito o bastante para ninguém se mostrar ansioso por sua companhia.

Morava em sua casinha da Königstrasse, de madeira e tijolos, empena rendada, que dava para um dos canais sinuosos que se cruzam no meio do bairro mais antigo de Hamburgo, respeitado, felizmente, pelo incêndio de 1842.

É verdade que a velha casa era um pouco inclinada e mostrava a barriga aos transeuntes. Seu teto inclinava-se sobre a orelha, como o boné de um estudante da Tugendbund. O aprumo de suas linhas deixava a desejar, mas, em suma, conseguia sustentar-se graças a um velho olmo engastado com vigor na fachada, cujos brotos em flor penetravam na primavera pelos vidros das janelas.

Meu tio até que era rico para um professor alemão. Tudo na casa, conteúdo e continente, pertencia-lhe. O conteúdo consistia em sua afilhada Grauben, jovem Virlandesa de dezessete anos, a boa Marthe e eu. Em minha dupla qualidade de sobrinho e órfão, tornei-me auxiliar-assistente em suas experiências.

Confesso que me entreguei com grande apetite às ciências geológicas. Tinha sangue de mineralogista nas veias e nunca me entediei na companhia de meus preciosos pedregulhos.

Em suma, era possível viver feliz na casinha da Königstrasse apesar da impaciência de seu proprietário, pois, embora agisse com um pouco de brutalidade, meu tio não deixava de me amar.

Contudo, era um homem que não sabia esperar e mais apressado que o normal.

Quando, em abril, plantava, nos vasos de porcelana da sala, seus pés de resedá ou volubilis, ia, todas as manhãs, puxar-lhes as folhas para apressar seu crescimento.

A única forma de lidar com um excêntrico daqueles era obedecer-lhe. Precipitei-me para o seu gabinete.

II

O gabinete era um verdadeiro museu, onde todas as amostras estavam etiquetadas na mais perfeita ordem, de acordo com as três grandes divisões dos minerais: inflamáveis, metálicos e litóides.

Como eu conhecia aqueles bibelôs da ciência mineralógica!

Quantas vezes, em vez de ir brincar com as crianças de minha idade, preferi ficar espanando as grafitas, os antracitos, hulhas, linhas, turfas! E os betumes, as resinas e os sais orgânicos, que era necessário proteger do menor grão de poeira! E aqueles metais, do ferro ao ouro, cujo valor relativo desaparecia diante da igualdade absoluta dos espécimes específicos! E todas aquelas pedras que dariam para reconstruir a casa da Königstrasse, até com mais um quarto, o que eu não acharia nada mal!

Mas, ao entrar no gabinete, não estava pensando naquelas maravilhas. Só tinha meu tio em mente. Estava escondido em sua enorme poltrona de veludo de Utrecht com um livro que considerava com a mais profunda admiração.

— Que livro! Que livro! — exclamava.

A exclamação lembrou-me de que o professor Lidenbrock era também bibliomaniaco nas horas vagas. Mas, para ele, um livro só tinha valor se fosse impossível encontrá-lo ou se fosse ilegível.

— Você não está vendo? — disse-me. — Hoje de manhã encontrei um tesouro inestimável remexendo no sebo do judeu Hevelius.

— Que maravilha! — respondi, com um entusiasmo um tanto artificial. Afinal, para que tanto barulho por causa de um velho inquarto encadernado com camurça grosseira, um livro amarelado do qual pendia um marcador descolorido!

O professor não parava de soltar interjeições de admiração.

— Veja — dizia, fazendo perguntas às quais ele mesmo respondia —, não é uma beleza? É admirável! E que encadernação! Não é fácil abrir esse livro? Fácilimo, fica aberto em qualquer página! Fecha fácil? Sim, pois a capa e as folhas formam um todo bem unido, não se separam ou abrem em nenhum lugar! E esse dorso, que não tem uma única rachadura apesar de seus sete séculos de existência! Ah! Que encadernação! Deixaria qualquer Bozerian, Closs ou Purgold orgulhosos!

Enquanto falava, meu tio abria e fechava o velho livro. A única coisa que eu poderia fazer era perguntar sobre o que versava, embora absolutamente não estivesse interessado.

— E qual o título desse volume maravilhoso? — perguntei com um ardor um tanto entusiasmado demais para ser sincero.

— Essa obra... — animou-se meu tio — é o Heims-Kringla de Snorre Turleson, o famoso autor islandês do século XII! É a crônica dos príncipes noruegueses que reinaram na Islândia!

— Sério? — exclamei como pude. — E, com toda a certeza, é uma tradução para o alemão?

— Uma tradução! — replicou o professor com vivacidade. Uma tradução! O que eu faria com uma tradução? Quem quer uma tradução? É a obra original em islandês, esse idioma magnífico, ao mesmo tempo rico e simples, que permite as combinações gramaticais mais variadas e inúmeras modificações de palavras!

— Como o alemão — insinuei, com bastante felicidade.

— Sim — respondeu meu tio dando de ombros —, sem contar que o islandês admite os três gêneros como no grego e declina os nomes próprios como no latim!

— Ah! — minha indiferença foi um pouco abalada. — E os caracteres desse livro são bonitos?

— Caracteres? Que caracteres, infeliz? Caracteres... Ah, você está achando que é um impresso? Santa ignorância, é um manuscrito, e um manuscrito rúnico!

— Rúnico?

— Claro! Só falta agora você pedir-me que eu lhe explique essa palavra.

— De jeito nenhum — repliquei no tom de um homem ferido em seu amor-próprio.

Mas meu tio não deu importância às minhas palavras e ensinou-me, contra a minha vontade, coisas que eu não fazia a menor questão de saber.

— As runas — continuou — eram caracteres de escrita empregados outrora na Islândia, que, de acordo com a tradição, foram inventados pelo próprio Odin! Olhe, admire, ímpio, esses tipos procedentes da imaginação de um deus!

Como não sabia o que responder, ia me prosternar, que era uma espécie de reação que deve agradar tanto aos deuses quanto aos reis, pois tem a vantagem de nunca embaraçá-los, quando um incidente desviou o curso da conversa.

Foi o surgimento de um pergaminho imundo, que escorregou do livro e caiu no chão.

Meu tio precipitou-se sobre aquela ninharia com uma avidez fácil de compreender. Um velho documento encerrado desde tempos imemoriais num velho livro não podia deixar de ser muito valioso para ele.

— O que é isso? — exclamou.

E desdobrou cuidadosamente em sua mesa um pedaço de pergaminho de cinco polegadas de comprimento e três de largura, no qual se distribuíam em linhas transversais caracteres ilegíveis.

Aqui está seu fac-símile exato. Faço questão de apresentar esses sinais estranhos, pois levaram o professor Lidenbrock e seu sobrinho à expedição mais estranha do século XIX:

öx.ö,l,ööh öhö,tntö ö,ör:rrlblö
h dThh'YP ntö.Y.Ylö'F!ö ITbööö
T! lö' l ötö t11öP YT öh ö lbö ö1ö
ötN öö ö, . l, h Y,ö r ö
r r b ,öör l .r .r n T n r F ö,ö t,T n
bTö lö r kh.öl Bk Ytblll

O professor considerou por alguns instantes a série de caracteres; depois disse, erguendo seus óculos:

— É rúnico; esses tipos são idênticos aos do manuscrito de Snorre Turleson! Mas... o que será que tudo isso significa?

Como eu acreditava ser o rúnico uma invenção dos cientistas para ludibriar o pobre mundo, não fiquei aborrecido com o fato de meu tio não entender nada. Pelo menos é o que parecia pelo movimento de seus dedos, que começavam a tremer muito.

— Mas é islandês antigo! — murmurava entre os dentes.

E o professor Lidenbrock devia entender disso, pois passava por um verdadeiro poliglota. Não que falasse correntemente as duas mil línguas e os quatro mil idiomas empregados na superfície do globo, mas conhecia boa parte deles.

Toda a impetuosidade de seu temperamento estava prestes a mostrar-se diante dessa dificuldade, e eu começava a prever uma cena violenta, quando soaram duas horas no relógio da lareira.

A boa Marthe abriu a porta do gabinete e disse:

— O jantar está na mesa.

— Ao diabo o jantar, quem o fez e os que vão comê-lo! — exclamou meu tio.

Marthe saiu correndo. Corri atrás dela e, sem saber como, encontrei-me sentado no meu lugar habitual na sala de jantar.

Esperei alguns instantes. O professor não apareceu. Era a primeira vez, que eu saiba, que ele não comparecia à solenidade do jantar. E que jantar! Uma sopa com muita salsinha, uma omelete de presunto, temperada com azedinha e noz-moscada, um lombo de vitela na compota de ameixas, e, de sobremesa, camarões açucarados, tudo regado por um belo vinho do Mosel.

Eis o que um papel velho custaria a meu tio. É óbvio que, na qualidade de sobrinho dedicado, achei que era minha obrigação comer por ele e por mim. O que fiz conscienciosamente.

— Nunca vi isso! — dizia a boa Marthe. — O senhor Lidenbrock não aparecer para o jantar!

— Inacreditável.

— É o presságio de um acontecimento muito grave! — continuou a velha criada, balançando a cabeça.

No meu entender, aquilo não significava nada, a não ser uma cena horrorosa quando meu tio encontrasse seu jantar devorado.

Estava no último camarão, quando uma voz tonitruante arrancou-me das voluptuosidades da sobremesa. Em um salto, eu estava no gabinete.

III

— É evidente que é rúnico — dizia o professor franzindo o cenho. — Mas existe algum segredo que descobrirei, senão...

Um gesto violento arrematou seu raciocínio.

— Sente-se ali — acrescentou, indicando-me a mesa com o punho — e escreva...

Em um instante eu estava a postos.

— Agora vou ditar-lhe as letras correspondentes aos caracteres islandeses em nosso alfabeto. Veremos o que acontece. Mas, por São Miguel, trate de não errar!

Começou o ditado, durante o qual fiz o melhor que pude.

As letras foram soletradas uma a uma e formaram a seguinte sucessão de palavras:

mürnlls esreuel seecJde
sgtssmf unteief niedrke
rt,samn atrate5 Saodrrn
emtnael nuaect rriisa
Atvaar .nsrcr ieaabs
ccdrmi eeutul frantu
dt,iac oseibo Kedii Y

Assim que concluímos o trabalho, meu tio pegou bruscamente a folha na qual eu acabara de escrever e examinou-a por muito tempo com atenção.

— O que quer dizer isso? — repetia maquinalmente.

Juro que eu não saberia explicar-lhe. Aliás, ele não estava me perguntando nada e continuou a falar consigo mesmo:

— É o que chamamos de criptograma — dizia —, no qual o sentido está escondido nas letras misturadas de propósito e que, dispostas adequadamente, formariam uma frase inteligível.

Quando penso que talvez esteja diante da explicação ou da indicação de uma grande descoberta...

Quanto a mim, achava que aquilo não queria dizer nada, mas não ousava formular minha opinião.

Então, o professor pegou o livro e o pergaminho e comparou-os.

— As letras não pertencem à mesma pessoa — disse. — O criptograma é posterior ao livro, é irrefutável. A primeira letra é um M duplo que se procurava em vão no livro de Turluson, pois só foi adicionada ao alfabeto islandês no século XIV. Desta forma, há pelo menos duzentos anos entre o manuscrito e o documento.

Isso me pareceu bastante lógico.

— Sou levado a pensar — continuou meu tio — que um dos proprietários desse livro traçou esses caracteres misteriosos.

Mas quem diabo era esse proprietário? Não teria escrito seu nome em algum lugar do manuscrito?

Meu tio ergueu os óculos, pegou uma lupa potente e, com todo o cuidado, passou em revista as primeiras páginas do livro.

No verso da segunda, a do ante-rostão, descobriu uma espécie de mácula que parecia uma mancha de tinta. No entanto, examinando-se com maior cuidado, era possível distinguir alguns caracteres semi-apagados. Meu tio achou ter descoberto um ponto interessante; deteve-se na mácula e, com o auxílio de sua enorme lupa, acabou reconhecendo os seguintes sinais, caracteres rúnicos, que leu sem hesitar:

— Arne Saknussem! — exclamou com um ar de triunfo.

— Isso é que é nome e ainda por cima um nome islandês, de um cientista do século XVI, célebre alquimista!

Eu olhava para o meu tio com uma certa admiração.

— Esses alquimistas — continuou —, Avicena, Bacon, Lulle, Paracelso eram os únicos e verdadeiros cientistas de seu tempo.

Fizeram descobertas que nos surpreendem até hoje. Por que não teria esse Saknussem escondido sob esse criptograma incompreensível alguma invenção surpreendente? Deve ser isso! Deve ser!

Essa hipótese estimulava a imaginação do professor.

— Com certeza — ousei responder. — Mas que interesse teria o sábio em esconder dessa forma sua maravilhosa descoberta?

— Que interesse? Que interesse? E eu sei? Galileu não agiu da mesma forma com Saturno? Além disso, logo saberemos: descobrirei o segredo desse documento e não comerei nem dormirei antes de tê-lo adivinhado.

"Oh! ", pensei.

— Nem você, Axel — ordenou.

"Que diabo!", disse para mim mesmo, "ainda bem que comi por dois".

— Antes de mais nada — falou meu tio — precisamos encontrar a chave dessa "cifra". Não deve ser difícil.

Ao ouvir essas palavras, ergui a cabeça bruscamente. Meu tio continuou seu solilóquio:

— Nada mais fácil. Nesse documento há cento e trinta e duas letras, setenta e nove consoantes e cinquenta e três vogais.

Ora, as palavras das línguas meridionais são formadas mais ou menos nessa proporção, enquanto os idiomas do norte são infinitamente mais ricos em consoantes. Trata-se portanto de uma língua do sul.

Suas conclusões eram extremamente corretas.

— Mas que língua é essa?

É isso o que eu queria saber de meu cientista, no qual acabara de descobrir um profundo analista.

— Saknussem era um homem culto — continuou. — Ora, já que não estava escrevendo em sua língua materna, deve ter escolhido de preferência a língua corrente entre as mentes cultas do século XVI, ou seja, o latim. Se eu estiver enganado, poderei tentar o espanhol, o francês, o italiano, o grego e o hebraico. Mas os cientistas do século XVI escreviam geralmente em latim. Tenho, portanto, o direito de dizer a priori: é latim.

Dei um pulo na cadeira. Minhas lembranças de latinista revoltavam-se ante a pretensão de pertencer essa seqüência de palavras barrocas à doce língua de Virgílio.

— Claro, latim — continuou meu tio —, mas latim misturado.

"Ainda bem", pensei, "e haja sutileza para destrinchá-lo!"

— Examinemos com cuidado — disse, tornando a pegar a folha na qual eu escrevera. — Eis uma série de cento e trinta e duas letras em aparente desordem. Há palavras formadas apenas de consoantes, como a primeira, "mürnlls", outras em que, ao contrário, há uma abundância de vogais, a quinta, por exemplo, "unteieet" ou a antepenúltima, "oseibo". Ora, é evidente que essa disposição não foi elaborada: é apresentada matematicamente pela razão desconhecida que presidiu à sucessão dessas letras. Parece-me certo que a frase primitiva tenha sido escrita normalmente e depois invertida de acordo com uma lei que temos de descobrir.

Assim que possuímos a chave da cifra, poderemos lê-la correntemente. Mas qual é a chave? Você sabe, Axel?

Não respondi a essa pergunta pela seguinte razão. Meu olhar detivera-se num encantador retrato pendurado na parede, o retrato de Grauben. A pupila de meu tio encontrava-se então em Altona, na casa de um de seus parentes, e sua ausência deixava-me bem triste, pois, devo confessar, a jovem Virlandesa e o sobrinho do professor amavam-se com toda a paciência e a tranqüilidade alemãs. Havíamos ficado noivos à revelia de meu tio, geólogo demais para compreender tais sentimentos. Grauben era uma loura encantadora de olhos azuis, temperamento um tanto grave, caráter um tanto sério. Mas não era por isso que gostava menos de mim.

Eu simplesmente a adorava, se é que esse verbo existe na língua germânica! A imagem de minha pequena Virlandesa transportou-me num instante do mundo das realidades ao mundo dos sonhos, das lembranças...

Revia minha fiel companheira de trabalho e de prazer. Todo dia ajudava-me a arrumar as preciosas pedras de meu tio. Ela as etiquetava comigo. A senhorita Grauben era uma mineralogista e tanto! Poderia dar aulas a mais de um cientista. Gostava de aprofundar as questões mais difíceis da ciência. Quantas horas passamos estudando juntos! E quantas vezes invejei aquelas pedras insensíveis que ela tocava com suas mãos encantadoras!

Depois, nos momentos de folga, saíamos os dois para percorrer as aléias frondosas de Alster e íamos juntos ao velho moinho alcatroado, tão lindo no canto do lago. Enquanto andávamos, conversávamos de mãos dadas. Contava-lhe coisas que a faziam rir com gosto. Chegávamos assim até a beira do Elba e, depois de cumprimentarmos os cisnes que nadam entre os grandes nenúfares brancos, voltávamos ao cais com o barco a vapor.

Estava nesse ponto do meu sonho, quando meu tio me trouxe de volta à realidade, batendo com o punho na mesa.

— Vejamos — disse —, a primeira idéia que temos ao tentarmos misturar as letras de uma frase é, acho, escrever as palavras na vertical, em vez de na horizontal.

"Perfeito!", pensei.

— Temos de verificar o que isso dá. Axel, escreva uma frase qualquer num pedaço de papel, mas, em vez de colocar as letras uma após a outra, coloque-as sucessivamente em colunas verticais, de forma a agrupá-las em cinco ou seis.

Imediatamente escrevi de cima para baixo:

E o o h u r n
u m, a e a!
a u m p n u
a i i e a b
m t n q G e

— Bem — disse o professor sem ter lido. — Agora disponha essas letras numa linha horizontal.

Obedeci e consegui a seguinte frase:

EmtnqGeuooohurnam. aealaumpniuiieab.

— Perfeito! — considerou meu tio, arrancando-me o papel das mãos. — Já parece com o velho documento: as vogais e as consoantes estão agrupadas na mesma desordem; tem até maiúsculas e vírgulas no meio das palavras, como no pergaminho de Saknussem!

Não pude evitar achar as observações bastante engenhosas.

— Ora — continuou meu tio, dirigindo-se diretamente a mim —, para ler a frase que você acabou de escrever e que não conheço, basta que eu pegue sucessivamente a primeira letra de cada palavra, depois a segunda, depois a terceira e assim por diante.

E para sua grande surpresa — e principalmente para a minha —, meu tio leu:

Eu a amo muito, minha pequena Grauben!

— O quê? — espantou-se o professor.

Sim, sem perceber, como apaixonado desastrado, traçara aquela frase comprometedor!

— Ah, você gosta de Grauben? — retomou meu tio, num tom de verdadeiro tutor.

— Sim... Não... — balbuciei.

— Ah, você ama Grauben? — continuou maquinalmente.

— Muito bem, apliquemos esse método ao documento em questão.

Voltando a cair em sua contemplação absorta, meu tio já esquecerá minhas palavras imprudentes. Imprudentes, pois o cérebro de um cientista não compreenderia as coisas do coração.

Felizmente, prevaleceu a importância do documento.

No momento de fazer sua experiência capital, os olhos do professor Lidenbrock reluziram através dos óculos. Seus dedos tremeram ao pegar o velho pergaminho. Estava seriamente emocionado. Finalmente, tossiu com força e, a voz grave soletrando sucessivamente a primeira letra e depois a segunda de cada palavra, ditou-me a seguinte série:

messunkaSenrA.icefdoK.segnittamurtn:
erertserrette, rotaivsadua, ednecsedsadne
lacartniiiluJsiratracSarbmutablemek
meretarcsilucoYsleffenSnl

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

